



X Ciclo de Estudos da Linguagem
**III Congresso Internacional
de Estudos da Linguagem**
29, 30 e 31 de julho de 2019

SIMPÓSIO 11

**A REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA NA
FICCIONALIZAÇÃO DA GÊNESIS BÍBLICA DE
MONTEIRO LOBATO**

Vanessa de Paula Hey¹

Resumo: O conto “Era no Paraíso...” (1923), de Monteiro Lobato, se constrói como uma paródia do Gênesis bíblico. Influenciado pela teoria evolucionista de Darwin, o narrador lobatiano nos mostra o desenvolvimento dos seres, em especial, do ser humano, como um “descender com modificações”, que explica o comportamento do homem frente às questões da vida e, como consequência, frente às questões da natureza. No conto, a reação da natureza, que somente ocorre como projeção no futuro, está intimamente ligada às ações humanas; aquilo que antes era representado de forma harmoniosa (evocando a tradição pastoral) transforma-se drasticamente, graças ao chamado ‘progresso’ da humanidade, em um cenário dantesco e desolador – mares são transpostos; montes, perfurados; animais, escravizados; armas de alto poder destruidor, criadas; o ser humano acaba por organizar o parasitismo da própria espécie.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; O macaco que se fez homem; Era no Paraíso; Ecocrítica;

Introdução

O presente artigo se propõe a discutir o conto “Era no Paraíso...” (1923), de Monteiro Lobato, a partir de um viés ecocrítico. Pensa-se, aqui, na Ecocrítica² como um movimento novo nos estudos culturais, que se debruça principalmente sobre a relação entre literatura e meio ambiente.

¹ Mestranda. Universidade Federal do Paraná. E-mail de contato: vani_de_paula@hotmail.com.

² A Ecocrítica pode ser descrita como “o estudo de textos explicitamente ambientais por meio de qualquer abordagem acadêmica ou, inversamente, o escrutínio das implicações ecológicas e das relações homem/natureza em qualquer texto literário, mesmo que esse texto pareça, à primeira vista, não se referir ao mundo não humano” (SLOVIC, 1999, p. 6).



Esse conto, por exemplo, será analisado através de dois tropos³ dessa teoria, a saber, o da Pastoral e o do Apocalipse, que nada mais são do que duas formas pré-existentes de se imaginar o lugar do homem na natureza⁴. O primeiro aparece no conto através da menção a um paraíso harmônico, paródia do Gênesis bíblico, indicando um retorno a um passado idealizado para o qual não se volta mais; o último, ao aderir às narrativas apocalípticas, aponta para um possível fim de todos os tempos, que terá sua origem no nascimento do homem, que se dá a partir da queda do macaco.

Do Gênesis, o conto retoma a presença de um Deus responsável pela criação da vida e de todas as suas formas, exceto o homem, nascido do Acaso; do Apocalipse, apresenta-se o resultado futuro dessa humanidade, que caminha para a autodestruição.

Assim, o presente da narrativa, que se propõe a recontar os primeiros momentos da criação divina, é uma volta a um passado desejado, anterior à existência do homem, momento em que um desastre maior poderia ter sido evitado, e que por não ter sido evitado se mostra apocalíptico em um futuro projetado, que Deus descortina para Gabriel ver.

Era no Paraíso...

“Era no Paraíso...” é o primeiro dos contos da coletânea *O macaco que se fez homem*, obra publicada em 1923. Posteriormente, em 1945, a mesma foi extinta, tendo seus contos realocados aos livros *Negrinha* e *Cidades Mortas*. Foi apenas em 2008, com a Editora Globo, que a obra voltou a ser publicada em sua versão original.

O título do livro já é claramente uma referência ao tema que será desenvolvido por seu primeiro conto, ao qual me proponho analisar. Nele,

Lobato reescreve o Gênesis, misturando aspectos da tradição bíblica e outros da tradição científica a um arcabouço ficcional que contém traços do melhor do seu estilo. O narrador pretende apresentar "a verdade dos fatos" relativos à criação ou ao surgimento do homem, em substituição às metáforas poéticas de Moisés em sua narrativa bíblica (MARTINS, 2003, p. 347).

³ Em *Ecocrítica* (2004), de Greg Garrad, há a apresentação dos tropos ecocríticos, que apontam para as formas sob as quais a natureza é apresentada, imaginada ou representada. Entre eles se encontram: a Pastoral, o Mundo Natural, o Apocalipse, a Habitação da Terra, os Animais e a Terra.

⁴ A Pastoral é utilizada para se pensar o início da história do homem no ambiente físico, enquanto o Apocalipse, o seu fim.



Assim, é através do tom de deboche, do uso da ironia e da paródia, traços marcantes da prosa lobatiana, que o narrador se propõe a apresentar a origem do mundo, que combina elementos da narrativa bíblica a elementos relacionados às teorias evolucionistas de Darwin.

A origem da vida, no conto, está centrada na existência de um paraíso, criado por Deus juntamente com a luz, as estrelas, o ar, a água e a vida.

No começo do texto, tem-se a enumeração das várias formas de vida que passaram a povoar a recente criação divina, e, assim, são citadas: a bactéria e o mastodonte, o musgo e o baobá, a craca e a baleia. Esses pares, não por acaso, vão ilustrar a relação de interdependência que essas espécies mantêm uma com a outra. Suscita-se, a partir disso, uma reflexão ainda mais ampla, a saber, a de que a Vida (grafada no conto com inicial maiúscula⁵) se dá por uma série de relações, não existindo como unidade isolada e independente. Essa ideia se conjuga a de Marconi & Lakatos (2010, p. 83) para quem “o mundo não deve ser considerado como um complexo de coisas acabadas, mas como um complexo de processos”, processos que pressupõem inter-relações entre os seres.

Em seguida, no conto, vendo que aquilo tudo que foi feito era bom, Deus decide criar a Fome e o Amor, que como o próprio narrador afirma são dois “apetites tremendos engastados no âmago das criaturas à guisa de moto-contínuo da Perpetuação” (LOBATO, 2008, p. 19), ou seja, são duas vontades embutidas aos seres que permitem a continuidade de suas espécies. Tal passagem se completa de sentido quando Deus anuncia: “- Comei-vos uns aos outros e nos intervalos amai!” (LOBATO, 2008, p. 19). Pois é assim que a vida deve prosseguir.

Junto a tudo isso, Deus também criou o Código da Sabedoria Ingênita, que se configura como uma gestão da animalidade, código que estava impregnado em todas as criaturas recém-formadas, e que dava certa sabedoria aos seres, fazendo com que esses agissem de forma automática de acordo com os princípios da lei natural (que se resumia a agir em relação à Fome e ao Amor), o que mais tarde seria chamado de Instinto.

Porém, esse nome ou o registro do mesmo não havia sido dado por Deus, quem o faz são os homens, mas como até ali não existiam homens, também não existiam nomes. Esse é um dos pontos mais interessantes dessa narrativa, pois, contrariando os postulados bíblicos de que a existência do homem é fruto de uma vontade divina, Deus, nesse conto,

⁵ Ao ser grafada em maiúscula, “Vida” passa a ser particularizada, adquire importância maior no contexto em que está inserida. A Vida, particularizada, passa a ser maior que o homem, e independente dele.



não é responsável por sua criação, ou seja, o homem não estava nos planos do criador. Em um primeiro momento, tal dado parece apontar para certa inclinação do texto às teorias científicas, como as de Darwin, para qual a origem do homem se explica como um descender de modificações, porém, tal ideia será desmistificada como veremos mais adiante.

Tal fato também tem como consequência a subversão da concepção antropocentrada, para a qual tudo aquilo que está contido no universo só existe com o propósito de servir ao homem – ideia essa reforçada pelo conteúdo da narrativa bíblica, a qual afirma que tudo aquilo que fora criado por Deus fora criado para o domínio humano:

E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra”. (GÊNESIS, 1: 28)

O narrador lobatiano, ainda que de forma irônica, ao caracterizar o homem por sua vontade, habilidade e mania de dar nomes às coisas, aponta para a presunção do mesmo em se colocar como um ser superior a outras espécies ou dentro de sua própria espécie e, assim, ostentar um pretense domínio sobre demais formas de vida.

Porém, Deus vai nos dizer, em seguida, que tudo no mundo já existia, a gravitação, a concepção do éter, da luz e do calor, ou seja, tudo já existia independentemente da presença do homem, inclusive aspectos da mecânica pura que seriam depois descobertos por cientistas como Newton. Mas o bonito mesmo de toda essa criação repousava na Vida, a vida que era a “obra de arte das mais autênticas, só ela dava medida completa dos imensos recursos do alto engenho de Deus” (LOBATO, 2008, p. 20). E quando se fala da vida, pensa-se no mundo vegetal e animal, excluindo desse último o ser humano. Ou seja, a vida existe, e bem se organiza, sem o ser humano:

Vida em vida, vida devorando vida, vida sobrepondo-se à vida, vida criando vida... O perpétuo ressoar dos uivos de cólera, berros de dor, guinchos de alegria, gemidos de gozo sonorizando o perpétuo agitar-se das formas. (LOBATO, 2008, p. 20).

A organização da natureza, da forma como é representada pelo conto, não é idílica ou bucólica e, portanto, não segue a tradição romântica a qual Lobato tinha duras críticas. É, na verdade, uma natureza que se auto organiza, que vive e sobrevive seguindo suas próprias leis de funcionamento, sem que para isso precise ser domesticada; a natureza, ao



contrário, é uma força não passiva, que existe, independente, inclusive, da vontade de seu próprio criador. O que reforça, novamente, a ideia de Vida como algo autônomo.

Porém, toda essa realidade está prestes a mudar. Num dia, por ação do vento, um dos chimpanzés, do casal de chimpanzés que estava em cima de uma árvore, perdeu o equilíbrio e precipitou-se de cabeça ao chão. Esse tombo poderia ter sido algo natural se não houvesse ao pé da árvore uma laje, na qual o crânio do chimpanzé havia se chocado. Apesar de toda a situação, o chimpanzé não morre, sai apenas lesionado.

Os efeitos da “seríssima lesão”, que nem Jeová pudera prever, faz com que esse macaco mude de temperamento, e inicie, desta forma, o seu processo de humanização. Assim, de forma a refutar certos preceitos da teoria darwiniana, o conto explica a existência humana não como um desenvolvimento evolutivo, lento e gradual, derivado de um processo de seleção natural⁶, mas como uma Queda⁷, fruto do Acaso, configurando-se em um acidente, ou seja, algo imprevisível, que objeta tanto o conteúdo da tradição bíblica quanto o conteúdo de teorias evolucionistas. Com isso, esse chimpanzé não era mais despreocupado como antigamente, pois, nas palavras do narrador, deu de “elaborar uns mostrengozinhos, informes, aos quais, com alguma licença, caberia o nome de ideias” (LOBATO, 2008, p. 22).

Antes, movido pelos impulsos do automatismo, agora marcado pelo arbítrio, ele passa a ser tomado por incompreensíveis indecisões: analisa muito as bananas antes de as comer, pois quer escolher as melhores; calcula a distância e a força de seus movimentos e assim passa a errar os seus saltos como antes não ocorria; se mostra curioso em relação as outras chimpanzés fêmeas, comparando-as à sua e cometendo assim o pecado de desejar a macaca do próximo; passa a comer frutas que não estavam previstas na alimentação símia, o que lhe garante uma série de perturbações gastrointestinais sem precedentes; inveja outros seres por atributos e características que eles possuem e ele não, quando, por exemplo, deseja voar como as aves ou viver em tocas que pareciam mais confortáveis que os topos de árvores, (e deixa, assim, de habitar as árvores); passa a andar de pé sobre as patas traseiras, e com as dianteiras constrói sua nova moradia.

⁶ Para a qual as populações mudam algumas de suas características, sobrevivendo àquelas espécies que apresentam as características que estão mais aptas ao ambiente, circunstância que faz com que elas evoluam.

⁷ Possível referência à Lúcifer, anjo caído e posteriormente transformado por Deus em Satanás. A queda de Lúcifer simboliza a entrada do pecado no universo, sendo que a essência do pecado consiste no desejo e na determinação de assumir o lugar de Deus, ou mesmo de ser mais importante do que ele.



Tudo aquilo que é descrito como as novas atitudes assumidas por esse macaco tem relação com os seus descontentamentos e inquietudes, que são tão próprios da humanidade, e não da animalidade. Da forma como é descrita, essa mudança não está associada a um movimento de evolução, no sentido de superação positiva da condição anterior. O narrador, de forma sarcástica, deprecia essa mudança, pois, ao que parece, animalizar-se é melhor do que se humanizar.

No Éden, o chimpanzé, que não mais agia de acordo com a sua natureza, imaginava mudanças e melhoramentos. E quando passa a colocá-los em prática, passa também a perturbar a disciplina da própria natureza – o que não ficou impune de reclames. Escutando as queixas dos outros seres, Jeová, ordena ao anjo Gabriel que ponha “no olho da rua o sustenido anárquico” (LOBATO, 2008, p. 23), uma vez que esse age de forma contrária a uma dinâmica preestabelecida.

Porém, tomado pela curiosidade, Jeová suspende as ordens que haviam sido dadas, pois ele quer ver até que extremos irá o desarranjo mental de seu macaco.

Gabriel hesita, pois acredita que se deixado lá, todo aquele Éden se transformará em uma “humanidade”. Palavra aqui usada em conotação negativa, no sentido de desarmonia, e que se reflete pelas ações humanas que vão contra a natureza e, por isso, também contra a sua própria natureza.

Nasce no macaco, com a lesão, o que o narrador chama de inteligência, que em sua concepção não passa de uma doença, que só trará infortúnios. Pois assim como uma doença contagiosa, ela será transmitida de pai para filhos, de geração para geração. E será responsável por modificar toda a superfície terrestre. Por conta dela ainda os homens se acharão superiores aos outros seres, pensarão que são criaturas privilegiadas, e em nome disso causarão as maiores atrocidades ao seu ambiente. Nem todos os chimpanzés terão este destino, só aqueles pertencentes à prole do lesado (e aqui está o trocadilho, pois o macaco lesado nada mais é do que aquilo que viria a ser o homem).

Então, a suposta inteligência é consequência de uma lesão, desse ser lesado, como o narrador mesmo sugere, o que denota algo ruim. Que “apurará aos extremos a crueldade, a astúcia e a estupidez” (LOBATO, 2008, p. 25). Pois é por meio de toda essa astúcia que eles submeterão todos os animais e “destruirão florestas, captarão fluidos ambientais, domesticarão as ondas hertzianas, descobrirão os raios cósmicos, devassarão o fundo dos mares, roerão as entranhas da terra...” (LOBATO, 2008, p. 25). Assim, o homem traz consigo



a destruição, instaurando-se como uma praga, semelhante àquela que figura o conto “uma nuvem de gafanhotos⁸” e, a partir de sua ação, tudo começa a mudar, e muda para pior.

Outra crítica a essa suposta inteligência está no fato de ela ser uma inteligência sem memória, pois o homem esquecerá sempre. E o resultado apontado é a criação de armas de alto poder destrutivo, que fará com que homens, em nome de um ódio e de sua pátria, se estraçalhem uns aos outros (como ocorrem nas guerras), sem se lembrar de que esse que nos fala, Deus, não criou nada dessas coisas: nem ódio, nem pátria.

Após enumerar a série de feitos que serão realizados pelos homens, Jeová ainda afirma que eles jamais alcançarão a única arte que ele implantou no Éden, que é a arte de ser biologicamente feliz.

A inteligência do macaco é apresentada em oposição ao instinto, à natureza dos animais. Assim, seus pensamentos – embora rudimentares, já que a inteligência apenas começava a se formar em sua mente – não se fundamentam na luta pela sobrevivência e no instinto de procriação. Suas estranhas ideias começam a tomar a forma do que viriam a ser as características dos homens em oposição às dos animais.

Nessa parte do conto ele afirma:

[...] a inteligência do homem não conseguirá nunca resolver nenhum dos problemas elementares da vida [...]. Não saberá comer [...]. Não saberá morar [...]. Não resolverá o problema da vida em sociedade, e experimentará mil soluções, errando em todas (LOBATO, 2008, p. 26).

À visão descortinada, que assume a forma de uma revelação do fim do mundo, remete a ideia do Apocalipse. Nela, Deus mostra a Gabriel o que será o reino dos seres humanos no mundo. O que Gabriel vê é uma caravana de chimpanzés pelados rumo ao desconhecido, uns são grandes outros pequenos, alguns louros outros negros, “nada que recordasse a perfeição somática dos outros viventes, tão iguaizinhos dentro do tipo de cada espécie” (LOBATO, 2008, p. 27). À frente desse rebanho caminhavam os seus chefes, os reis, os condutores de povos, que os conduzem não se sabe para onde. Em meio à caravana, aconteciam várias tipos de carnificina. Horrorizado, Gabriel fecha a cortina do futuro e pede

⁸ Em “uma nuvem de gafanhotos”, segundo conto de *O macaco que se fez homem*, os familiares de Venâncio, tendo conhecimento de sua recém-adquirida fortuna (proveniente do bilhete sorteado de loteria), vão se hospedar em seu novo sítio, que nos planos de seu dono viria a render grandes ganhos se bem trabalhada a terra. Porém, eles passam a agir como praga, acabando com: os porcos, os ovos, as laranjas, etc. Não restando posteriormente o que ser explorado; ao final do conto, vão embora, deixando a terra mais devastada.



a Deus que corte o mal pela raiz, expulsando de vez aquele chimpanzé lesado, com o intuito de, assim, evitar o desastre.

Ao que Deus afirma ter um rival, o Acaso. Fora ele que criara o homem, provocando a lesão. Jeová, querendo ver até onde se desenvolveria essa criatura, que estava alheia a seus planos, recusa o pedido de Gabriel.

Considerações finais

Entre as análises feitas desse conto, há uma indica que ele pode ser lido como um exemplo de “possibilidade de superação da condição de macaco (pintado pelo autor como imitador, plagiador) e ascensão à condição humana (independente, original)” (MARTINS, 2003, p. 343).

Em seus artigos, Lobato propusera uma atitude artística que fosse original, isto é, que evitasse a cópia de modelos dominantes - sobretudo franceses -, embora não recusasse a influência, desde que ela não se convertesse em plágio. Para tanto, o escritor preconizava a necessidade de estimular a independência artística, através da educação do olhar - o artista deveria olhar para elementos à sua volta que não tivessem ainda sido utilizados como matéria artística. Ora, os exemplos dados por Lobato convergem na direção de uma arte nacional, da utilização de temas nacionais - dentre os quais, o Sad, Yara e Marabá. Para tanto, promove o elogio de escritores que, como Euclides da Cunha, teriam voltado os olhos para o interior do país. (MARTINS, 2003, p. 344).

Já a leitura feita por esse trabalho nos mostra “Era no Paraíso...” como um conto que apresenta o desenvolvimento dos seres, em especial, do ser humano, como um “descender com modificações”, que explica o comportamento do homem frente às questões da vida e, como consequência, frente às questões da natureza. No conto, a reação da natureza, que somente ocorre como projeção no futuro, está intimamente ligada às ações humanas; aquilo que antes era representado de forma harmoniosa (evocando a tradição pastoral, ainda que de forma nada romântica) transforma-se drasticamente, graças ao chamado ‘progresso’ da humanidade, em um cenário dantesco e desolador, em que como últimas consequências, o ser humano acaba por organizar o parasitismo da própria espécie.

Tudo que fora descrito pelo conto, principalmente o desenrolar da relação entre homem e meio natural, foi imaginado por Monteiro Lobato lá no início da década de 20. Já



nessa época, mesmo sem o suporte de uma teoria Ecocrítica⁹, o autor já esboçava a falta de expectativa em relação à condução do homem no meio natural. Isso mostra que essas ideias já pairavam no imaginário de homens de tempos anteriores ao nosso.

Referências

BÍBLIA, A. T. Gênesis. In **BÍBLIA**. Português. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Ubu, 2008.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: UNB, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOBATO, Monteiro Lobato. **O macaco que se fez homem**. São Paulo: Globo, 2008.

MARTINS, Milena Ribeiro. **Lobato edita Lobato**: historia das edições dos contos lobatianos. 2003. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270369>>. Acesso em: 29 set. 2019.

SLOVIC, S. Ecocriticism: containing multitudes, practicing doctrine. In: **ASLE News**, Spring 1999, p.5-6. Disponível em: <www.asle.org/assets/docs/roundtable.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.

⁹ Teoria que começou a ser desenvolvida no final do século XX, entre as décadas de 1970, 1980 e 1990.